

O frouxo e o carnicheiro: dor e concepções de gênero em dois estúdios de tatuagem cariocas

Andréa Osório

Resumo: O universo da tatuagem, observado a partir de pesquisa de campo em dois estúdios cariocas, é recortado pelas diferenciações de gênero. Homens e mulheres escolhem diferentes desenhos e locais do corpo a serem tatuados. Sua reação à dor do processo é, da mesma forma, distinta. A elas é permitida a expressão do desconforto físico em maior escala do que a eles. Sobre os homens pesa a necessidade do silêncio, que traduz força e macheza. A idéia de força parece nortear as concepções de masculino relacionadas à prática da tatuagem, enquanto o feminino está envolto nas noções de fragilidade e delicadeza.

Palavras-chave: gênero; dor; tatuagens.

O universo da tatuagem, observado a partir de pesquisa de campo em dois estúdios cariocas, é recortado pelas diferenciações de gênero. Homens e mulheres escolhem diferentes desenhos e locais do corpo a serem tatuados. Os “desenhos femininos” envolvem normalmente as noções de fragilidade e delicadeza, enquanto entre os desenhos típicos dos homens foi observada a emergência de um *ethos* guerreiro. Os locais do corpo escolhidos para serem tatuados estão de acordo com estas representações de gênero.

A forma de lidar com o desconforto do processo da tatuagem também é distinta segundo o gênero. Os homens tendem a encará-la em silêncio, como uma prova de virilidade. E assim ela é vista por alguns tatuadores. As mulheres, por outro lado, têm a liberdade de exprimirem este desconforto de forma mais aberta, reclamando, pedindo pausas e fazendo caretas. O tatuador, contudo, na maioria das vezes profissional do sexo masculino, é impaciente com as expressões consideradas exageradas. Sua lógica é simples: quanto mais pausas, maior o tempo do trabalho. Por outro lado, muitas reclamações põem em cheque a sua própria habilidade de tatuar, uma vez que o universo da tatuagem opera segundo a dicotomia *mão leve/mão pesada* para designar aqueles que sabem minimizar a dor e aqueles que não sabem.

Este artigo tem como objetivo apresentar as representações de gênero presentes no universo da tatuagem, as diversas formas que os tatuados utilizam para lidar com a dor da tatuagem e como essas formas estão vinculadas a recortes de gênero. Observaram-se, ainda, as diferentes estratégias para minimizar a dor e os significados que o ato de enfrentá-la ganha dentro e fora do estúdio.

O estúdio de tatuagem

As reflexões aqui apresentadas são fruto de observação de campo efetuada em dois estúdios de tatuagem na cidade do Rio de Janeiro: um localizado na Zona Norte e outro na Zona Sul. Este recorte foi efetuado porque estas regiões apresentam diferentes estilos de vida e níveis socioeconômicos que podem estar refletidos em seu público. Durante um ano, foi visitado um estúdio na Zona Norte, área de renda mais baixa. No presente ano, está-se visitando um estúdio na Zona Sul, região mais rica. Ao final da pesquisa, espera-se comparar o perfil do público destes estabelecimentos com a finalidade de buscar possíveis diferenças geradas pelos distintos níveis de renda e estilos de vida.

Os estúdios de tatuagem são pontos comerciais, abertos ao público, classificados como microempresas. Há tatuadores que trabalham em suas casas ou na rua, em bares, eventos, salões de beleza, por exemplo. Tratamos, aqui, dos procedimentos observados em estúdios. Uma vez no estúdio, escolhe-se um desenho a ser tatuado. Este pode estar dentro do repertório fornecido pelo estúdio, pode ser levado por quem quer ser tatuado ou pode ser desenhado na hora pelo tatuador, em papel ou direto na pele do cliente.¹ O preço é dado pelo tatuador e eventualmente barganhado. O cliente é tatuado em uma ou várias sessões, conforme o tamanho da tatuagem a ser realizada e seu custo.

Conforme Leitão (2002) e Costa (2004) apontam, o estúdio não é apenas um local onde se tatua, mas um lócus de sociabilidade. Alguns clientes podem ir várias vezes ao estúdio antes de serem tatuados, para folhear os catálogos com desenhos, tirar dúvidas com os tatuadores ou simplesmente ‘tomar coragem’². Uma vez tatuado, o cliente volta para mostrar o resultado final e, se for do interesse do tatuador, registrar a obra em fotografia,³ ou retocá-la se alguma parte estiver falhada, com as cores ou traços não-homogêneos. Além dos clientes, os amigos dos tatuadores também frequentam os estúdios, passando para cumprimentá-los e conversar. Conforme Costa (2004) observa, todo cliente se torna um amigo, especialmente aqueles que sempre se tatuam no mesmo estúdio.

Algumas diferenças foram observadas no funcionamento dos dois estúdios pesquisados e em seus respectivos públicos. Na Zona Norte, trabalham até cinco profissionais ao mesmo tempo. A casa conta com dez profissionais, ao todo, que se revezam entre a matriz na Tijuca e a filial na Barra da Tijuca, bairro da Zona Oeste de alto poder aquisitivo, comparável à Zona Sul da cidade. Os

1 Técnica conhecida como *free hand*, a mais valorizada no universo da tatuagem. Utiliza-se lápis cópia para marcar o desenho na pele, em vez de papel, segundo as curvas do corpo do cliente.

2 ‘Tomar coragem’ é uma expressão que ouvi algumas vezes no estúdio pesquisado na Zona Norte, sempre da parte de mulheres. Imagina-se que os homens sempre tenham coragem (BOURDIEU, 2003).

3 Nem toda tatuagem é fotografada, apenas aquelas cujo resultado final é considerado melhor. Estas fotos são incluídas nos *portfolios* dos tatuadores. Algumas vezes, a fotografia é realizada antes da cicatrização, logo após o término da operação.

receptionistas, ambos homens, além de salário fixo, recebem comissão de 5% por cada tatuagem executada, pois são vistos como uma espécie de vendedores, que influenciam na decisão dos clientes.

Na Zona Sul, trabalham apenas dois tatuadores, o proprietário e um outro profissional. A recepção fica a cargo da namorada do proprietário, como acontece comumente em outros estúdios do país.⁴ A maior parte da clientela marca hora com o proprietário. Os demais clientes normalmente são atendidos pelo outro profissional da casa. O que ocorre, então, é que a maior parte da clientela deste estúdio é formada por amigos do proprietário, em uma relação mais íntima do que aquela que se observou no estúdio da Zona Norte, onde a grande quantidade de profissionais não se mantém tatuando apenas os amigos. Outra diferença é a presença de turistas estrangeiros na Zona Sul, já tatuados e em busca de uma tatuagem mais barata do que em seus países de origem (na maioria europeus), o que não foi observado na Zona Norte.

A predominância feminina

No Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, a tatuagem estava restrita a certos grupos sociais, tais como imigrantes, prostitutas, trabalhadores de camadas baixas e criminosos (DO RIO, 1997). Neste contexto, era sinônimo de marginalidade. O *status* da tatuagem parece ter começado a mudar no Rio de Janeiro a partir de Petit, o *Menino do Rio* da canção de Caetano Veloso, cujo braço ostentava um dragão. Pertencente à juventude dourada da Zona Sul carioca, Petit teria ido até a cidade portuária de Santos tatuar-se com Lucky, considerado por muitos tatuadores o primeiro tatuador *profissional* no Brasil (MARQUES, 1997). João do Rio (1997), no entanto, descreve a vida dos tatuadores e da indústria da tatuagem no Rio de Janeiro já no início do século XX. A idéia de *profissional*, aqui em oposição ao *amador* (também conhecido como “de cadeia”, em alusão ao passado da prática e à baixa qualidade técnica das tatuagens ainda hoje realizadas nesse ambiente), é a de um trabalho bem-feito, de cunho artístico (COSTA, 2004). Nessa época, a tatuagem não chegava aos corpos da classe média carioca. Hoje, ela parece revestir todas as camadas da cidade. Na medida em que camadas médias passaram a se tatuar, seu significado desviante perdeu força, embora não tenha desaparecido de todo.

Atualmente, o público feminino tem sido maioria nos estúdios (MIFFLIN, 1997; LEITÃO, 2002). Em conversas com tatuadores cariocas, a informação foi confirmada. Esta parece ser uma mudança no quadro dos tatuados, pois historicamente a tatuagem ocidental esteve mais ligada ao

⁴ Ver COSTA (2004) sobre a cidade de Florianópolis.

universo masculino, sobretudo às figuras dos marinheiros, dos militares e dos criminosos. A partir das fichas de cadastro de clientes preenchidas no estúdio pesquisado na Zona Norte, pode-se observar esta maioria feminina, segundo o quadro abaixo. Os meses de dezembro e janeiro foram selecionados por serem considerados de maior movimento durante o ano. O mês de setembro serve de contraponto.

QUADRO 1 – Mulheres e homens na clientela do estúdio pesquisado na Zona Norte carioca

Embora se costume associar o uso da tatuagem à juventude, a pesquisa de campo tem apontado para um público que ultrapassa o que se costuma considerar como *juventude*. Segundo os tatuadores com quem conversei na Zona Norte, a maior parte de seus clientes está dentro de uma faixa etária que vai dos 25 aos 45 anos, o que parece estar relacionado, entre outros fatores, ao preço das tatuagens, procedimento caro que custa no mínimo de R\$80,00 a R\$100,00. O levantamento das fichas de clientes indicou uma predominância de indivíduos na faixa dos 20 aos 39 anos (78,5%).

Os desenhos mais populares e regiões do corpo mais tatuadas

O quadro abaixo é uma síntese dos desenhos mais populares nos meses pesquisados nas fichas de cadastro de clientes do estúdio na Zona Norte. Foram mantidos apenas os três desenhos mais frequentes entre homens e mulheres, aglutinados sob uma categoria mais ampla que chamei de motivo/estilo, de modo que outros desenhos do mesmo motivo/estilo servem de comparação.

QUADRO 2 – Desenhos tatuados, segundo o gênero

As tatuagens mais populares entre as mulheres são a borboleta (13,7%), a estrela (12,9%) e a flor (11,5%). Estes desenhos somados formam 38,1% das escolhas, quase a metade dos desenhos escolhidos por elas. Evocam idéias de feminilidade: frágeis, delicados, pequenos. As flores, agrupadas segundo todas as classificações encontradas⁵ (rosas, orquídeas, flores), representam 17% das escolhas femininas, enquanto os insetos agrupados representam 16%. Assim, as flores se tornam mais populares do que as borboletas.

As tatuagens mais populares entre os homens são os ideogramas japoneses (14,4%), as tribais (11,4%) e as letras (10,6%). Os desenhos orientais agrupados formam 23,45% das escolhas. Os desenhos tribais agrupados e as letras, frases e escritas formam 12,9% das escolhas, cada um. Isto torna as tatuagens orientais as mais procuradas pelos homens.

As letras, normalmente, referem-se às iniciais de nomes, mas como a classificação utilizada foi a dos próprios tatuados, pode-se tratar de frases cujo conteúdo é desconhecido. Os ideogramas, por sua vez, só podem ser decodificados com o auxílio do próprio tatuado. Sua mensagem fica, para nós, também desconhecida. As tribais, por outro lado, têm sido um tipo de tatuagem popular desde a década de 1990, quando surgiram. Suas linhas “farpadas”, protuberantes em “espinhos”, podem ser associadas a elementos simbólicos de agressividade. Os ideogramas, por sua vez, podem ser associados ao universo das artes marciais. Nestes dois casos, mantém-se a predominância de elementos de um *ethos* guerreiro como os mais procurados entre os homens. É interessante observar que ambos os motivos são tatuados predominantemente em preto.

Os desenhos mais diretamente associados ao *ethos* guerreiro – dragão, samurai, índio, índia, totem, centauro, brasões de clubes de futebol, tubarão, cachorro, tigre, onça, leão, escorpião, aranha – formam 28,65% dos desenhos escolhidos por homens. Ou seja, os desenhos relacionados a temas de agressividade, morte e destruição são os mais procurados por eles.

Outra variação quanto ao gênero é o tamanho da tatuagem: as femininas costumam ser menores do que as masculinas. A região do corpo a ser tatuada também pode diferir entre homens e mulheres, havendo regiões que são preferidas por elas e outras por eles, e ainda algumas tatuadas por ambos. Segundo o levantamento efetuado, a região mais tatuada pelas mulheres são as costas (26,4%), seguidas pelo pescoço/nuca (23,6%) e pelo calcanhar/pé (9,5%). Entre os homens, o braço emerge

⁵ Classificação dos próprios clientes do estúdio.

como preferido absoluto (61,7%), escolha que parece seguir a mesma lógica do *ethos* guerreiro, evocando a noção de força física.

Os “desenhos femininos”

Existem desenhos que são criados especialmente para mulheres, chamados “desenhos femininos”. Eles se diferenciam dos demais pela temática, envolvendo fadas, anjos, estrelas, luas, flores e desenhos com um certo tom infantil, de desenhos feitos por crianças ou para crianças, como bonecas e querubins. Os animais escolhidos por elas são domésticos ou vistos como inofensivos, como gatos, beija-flores e golfinhos. Não existem “desenhos masculinos”.

Não ter um desenho que remeta ao repertório masculino, nem localizá-lo numa região do corpo considerada masculina parecem ser uma preocupação das mulheres que buscam tatuagens. Como exemplo, posso citar o caso de uma cliente do estúdio da Zona Norte que, aos 26 anos, fez sua primeira tatuagem. Bronzeada de praia e apaixonada pelo mar, queria tatuar um tubarão, mas fora desaconselhada por parentes e amigos porque o desenho seria agressivo e masculino. Optou, então, pela sua versão *comics*,⁶ e tatuou o personagem *Tutubarão* na região lombar.

Segundo Bourdieu (2003), as diferenças culturais entre os gêneros estão inscritas em seus corpos, segundo a noção de *habitus*. O *habitus* é uma disposição corporal construída pela sociedade e pela cultura, ou seja, uma lei social incorporada. Desta forma, pode-se observar o corpo como lócus de diferença sexual, não por suas disposições biológicas, mas socialmente construídas. A força simbólica que a sociedade exerce sobre o indivíduo, diz ele, exerce também e, sobretudo, sobre os corpos. Assim, os corpos femininos e masculinos se diferenciam quanto a uma série de movimentos, posições e posturas que traduzem as diferenças pensadas e construídas sobre os gêneros, ou pelo menos se observam os corpos como tendo estas diferenças.

As sociedades são, para Bourdieu (2003), organizadas segundo uma diferenciação entre os gêneros que dispõe o masculino como preponderante, o que chama de dominação masculina. Esta dominação impõe uma visão androcêntrica de mundo, onde o que é masculino é visto como neutro, sem necessidade de ser enunciado em discursos que visem legitimar esta visão. A dominação masculina cria estruturas práticas de diferenciação entre os sexos tanto quanto estruturas mentais, de cognoscibilidade.

⁶ Trata-se de um estilo de tatuagem que utiliza elementos do universo dos gibis e desenhos animados.

É, a partir desta forma de conhecimento sobre o mundo, que se pode perceber a experiência feminina do corpo como diferente da experiência masculina. O corpo feminino, diz o autor, é, sobretudo, um corpo-para-o-outro, um corpo objetificado pelo olhar e pelo discurso de outros. Sendo objeto de olhares, a mulher é tomada pela lógica da dominação e passa a exercer, sobre este olhar, uma contrapartida, na idéia de atrair a atenção e agradar, traduzidas na coqueteria feminina. Contudo, o olhar dos outros cria uma distância entre o corpo real e o corpo ideal.

A partir desta idéia de Bourdieu (2003), é possível perceber porque existem “desenhos femininos”, enquanto seu análogo, “desenhos masculinos”, jamais foi visto em campo. Sendo neutro, o masculino não precisa ser diferenciado. Da mesma forma, observa-se porque clientes e tatuadores preocupam-se em tornar femininos certos desenhos que trazem a idéia de agressividade, como o leão ou o tubarão: a agressividade é uma característica masculina e o feminino é construído na negação destas características. As áreas tatuadas, da mesma forma, seguem esta lógica de diferenciação e busca-se jamais tomar para si regiões que sejam destinadas, por tradição, ao sexo oposto. As distinções entre os gêneros explicam, ainda, porque as tatuagens dos homens costumam ser maiores que as das mulheres, relacionadas à idéia de agressividade e afirmação de virilidade, enquanto as tatuagens femininas são pequenas e se referem a desenhos que inspiram fragilidade, doçura e até mesmo infantilidade.

Coisa de macho: guerra e morte

Se a classificação “desenhos masculinos” não existe, isto não significa que não haja desenhos elaborados para os homens. Estes desenhos encerram uma idéia de agressividade e destruição. Estas características estão de acordo com o *ethos* guerreiro,⁷ um aspecto de um determinado modelo de masculinidade que valoriza a força física, a tolerância à dor, a agressividade (física ou simbólica⁸), a mulher como objeto, o descontrole, Cecchetto (2004), em estudo sobre modelos de masculinidade e sua relação com a violência na cidade do Rio de Janeiro, observou tais características em grupos de funkeiros e de lutadores de jiu-jítsu. Embora a autora chame a atenção para a construção de diferentes modelos de masculinidade a partir de cada grupo, enumerei as características encontradas por ela como se formassem um conjunto único. Os desenhos tatuados pelos homens podem envolver um ou mais desses aspectos.

⁷ CECCHETTO (2004) toma o conceito de Norbert Elias, em *Os alemães*.

⁸ Sobretudo no caso da tatuagem, em que os desenhos comunicam mensagens, há que se ver tais desenhos como simbolicamente agressivos.

Utilizo a idéia de um *ethos* guerreiro e unifico suas características num único bloco, porque ele pode permear mais de um modelo de masculinidade e não foi possível no universo da tatuagem determinar quais modelos estavam em ação, visto que os tatuados não compõem um grupo social da mesma forma que lutadores ou funqueiros. Pode ser encontrado, é certo, mais de um modelo de masculinidade entre os clientes do estúdio, mas esse não era o objetivo da pesquisa. Chamo a atenção, aqui, para a frequência com que o *ethos* guerreiro pode ser observado naquilo que é considerado masculino no mundo da tatuagem. Como existem formas múltiplas de masculinidade que remetem a este *ethos*, existem também clientes que não remetem a ele. Neste sentido, Cecchetto (2004) demonstra, a partir do estudo de bailes charme do subúrbio carioca, que existem modelos de masculinidade que se referem a outros tipos de *ethos*.

Creio que o representante mais característico do *ethos* guerreiro que encontrei foi João,⁹ cliente do estúdio da Zona Norte, um dos raros homens com quem consegui conversar, pois via de regra são menos abertos do que as mulheres, João, de 46 anos, é policial civil, está em seu segundo casamento com uma colega de profissão e é pai de uma moça de 19 anos, com sua primeira esposa. Branco, alto, musculoso, cabelos brancos, praticante de capoeira e jiu-jítsu,¹⁰ ficou amigo do proprietário do estúdio após ter sido tatuado lá. Durante a conversa com o amigo, em minha presença, na sala de espera, João contou histórias da profissão e um pouco de sua vida. Para nosso espanto, confidenciou que naquele exato momento portava uma submetralhadora escondida sob as roupas – o que comprovou levantando ligeiramente a camisa – e dizia se tratar de uma necessidade para sua segurança. Estava no estúdio para uma nova tatuagem. Possuía cinco e a última havia sido executada 15 dias antes. O novo desenho seria uma rosa em negro, com um motivo tribal ao fundo, acima de dois fuzis cruzados e uma flâmula com os dizeres: “o prêmio da guerra é morrer como homem”. Ao longo da tarde, contudo, desistira de tatuar os fuzis. Folheava os catálogos de desenho em busca da rosa negra de que havia gostado.

João, como policial, andando constantemente armado, demonstra um tipo de masculinidade relacionado intrinsecamente à idéia de guerra e combate. Uma identidade de gênero tão forte que havia sido desenhada pelo corpo e constantemente reforçada por novos desenhos. O epíteto dessa masculinidade seria inscrito em sua pele, evocando a guerra, a morte e a virilidade. Embora a guerra não traga prêmios materiais – e no caso de João menos ainda, pois sua guerra é ao crime, sobretudo ao narcotráfico, conforme relatou –, traz um prêmio que não pode ser medido materialmente: ser um

⁹ Todos os nomes de clientes dos estúdios são fictícios.

¹⁰ Como CECCHETTO (2004) aponta, os jogos, especialmente os jogos de combate, são espaços regrados para o *ethos* guerreiro, onde a disputa e a destruição tomam lugar de forma *civilizada*.

verdadeiro homem, traduzido na noção de “morrer como homem”. Não há aí nenhuma apologia à guerra em si, mas à atividade guerreira como uma atividade eminentemente masculina,

Os outros desenhos que tinha pelo corpo estavam todos dentro de seu *ethos* guerreiro, A primeira tatuagem de sua vida, adquirida dez anos antes e localizada no peito, era um cavalo junto a um berimbau, pois praticava capoeira e fora apelidado de “cavalo”, animal forte e ágil, sempre associado aos homens e raramente às mulheres, pois encerra características relacionadas tradicionalmente ao masculino, Além desta, possuía outras nos braços: um ideograma chinês e abaixo deste um samurai em preto, tatuagem que pretendia aumentar, desenhando uma paisagem ao fundo para o guerreiro, No outro braço, apresentava um esqueleto vestido com capuz e manta negros, segurando uma foice, Era acima desta que pretendia localizar o novo desenho, Nas costas, a última tatuagem: um anjo com capuz, sentado em uma ruína, com braços abertos e asas semi-abertas, Contou que queria tatuar um anjo, mas não encontrava um desenho que lhe agradasse, até que se deparou com este em uma camiseta exposta numa loja de *rock*, Tratava-se da reprodução da capa de um CD de uma banda de *heavy metal*, João comprou o CD e foi ao estúdio ser tatuado, Segundo ele, “os anjos simbolizam força e garra”.

A princípio, achei que o anjo e a rosa destoavam dos outros desenhos, tão bem arranjados sobre um único tema: o da força e da capacidade de destruição. Contudo, quando João falou sobre o que os anjos representavam, percebi que o desenho não estava fora das idéias representadas na iconografia sobre sua pele. Se o anjo é força, pois representa a figura de um guerreiro celeste, então está plenamente de acordo com toda a iconografia de João. A rosa, por sua vez, negra e lúgubre, diferente das rosas vermelhas que as mulheres costumam tatuar, posicionada acima de uma flâmula representando o pensamento do guerreiro, parecia uma espécie de homenagem aos mortos, como as flores que se depositam nas lápides.

Sobre a postura masculina com relação à tatuagem, gostaria de apresentar um outro caso. Um rapaz de cerca de 28 anos, com o escudo do Flamengo tatuado na parte interna de um dos braços, queria tatuar um índio americano na parte interna do outro braço. O trabalho custou R\$450. O rapaz foi deitado na maca para facilitar ao tatuador o acesso à região a ser marcada. Perguntei por que tatuava um índio. “Sei lá, eu me identifico, tem a ver comigo, acho maneiro” e, mostrando o escudo do Flamengo, completou: “essa aqui nem precisa perguntar por que, né?”. “Já está pronta?”, perguntei sobre o índio. “Não”, parecia ofendido, “falta toda essa parte de cima aqui, esse preto vai até aqui”, falou, apontando para o cocar. “Tatuagem nessa região tem que ser grande, sei lá, tem que tomar o espaço inteiro. Se for pequena...”, o silêncio durou cerca de três segundos, “...pequena é coisa de mulher, sabe? De mulherzinha”, concluiu.

Mais uma vez a masculinidade guerreira emerge. A iconografia escolhida por ele está de acordo com o que relaciono ao *ethos* guerreiro. O pertencimento a torcidas organizadas de futebol, embora não esteja claro se o cliente fazia parte de uma delas ou não, é uma das formas sob as quais a masculinidade guerreira emerge (CECCHETTO, 2004), em que a briga aberta entre torcidas de times diferentes ou de um mesmo time fornece espaço para a realização do ato fundante desse tipo de masculinidade: o exercício da guerra. O índio, por sua vez, se apresenta como um guerreiro, da mesma forma que o samurai. Seja ele um jovem a cavalo ou um ancião com cocar de chefe, há aí uma qualidade de exercício de poder típica do masculino.

O tatuador havia feito uma pausa que, uma vez cessada, ganhou reclamações do cliente. Não gostava da posição em que tinha de permanecer para ser tatuado. Ficava torto na maca, com um dos braços esticados. Perguntei-lhe se estava doendo. “Não, aqui não dói muito não. É a posição que me incomoda”. Reforcei a pergunta: “Aí não dói não?”. “Não é que não dói, toda tatuagem dói, mas é suportável”. Conforme será visto adiante, a idéia de suportar a dor é crucial no processo de ser tatuado entre os homens, não apresentando um valor tão grande entre as mulheres. Elas demonstram abertamente quando o processo está sendo doloroso, pois nem sempre o é, enquanto eles silenciam o que sentem.

O encobrimento da sensação de dor é mais uma característica da masculinidade guerreira. Os embates físicos dos quais os homens afinados com esse tipo de identidade de gênero participam envolvem, muitas vezes, danos físicos bem maiores do que o de uma tatuagem, como cortes profundos, fraturas e hematomas. Esta é uma forma de masculinidade em que a insensibilidade à dor e ao sofrimento deve ser demonstrada tanto com relação ao outro quanto com relação a si mesmo. Cecchetto (2004) demonstra como, entre os lutadores de jiu-jítsu, a tolerância à dor é parte do próprio treinamento da arte marcial. Entre os funqueiros, por sua vez, os corredores onde Lado A e Lado B se enfrentam nos bailes são o espaço de demonstração tanto de força física quanto de resistência aos ataques das galeras inimigas. Quando machucados, os funqueiros apelam para as improvisadas enfermarias dos bailes, apenas para tomar fôlego e retornar ao embate.

Ainda sobre representações masculinas da tatuagem, um terceiro caso revela que as cores utilizadas podem ser um problema. Um dos tatuadores do estúdio da Zona Norte retocava uma fênix que fizera na parte superior da coxa de um rapaz aparentando 22 anos, acompanhado da namorada, aparentando a mesma idade. A tatuagem fora colorida em rosa, azul e amarelo. O cliente confessou que não havia gostado da idéia do rosa na tatuagem, mas convencido pelo tatuador e pela namorada, aceitara, estando satisfeito com o resultado final. O proprietário do estúdio elogiou o trabalho e brincou com o tatuador dizendo que ele adorava colorir de rosa as tatuagens que executava. A namorada do

cliente, também brincando, disse ao tatuador que lhe faria uma bolsa rosa de tricô, como a que usava na ocasião. “Me traz mesmo! Você vai ver como a sua tatuagem vai sair barata e sem dor”, respondeu rindo, pois a moça desejava retocar uma tatuagem nas costas. Como em outros âmbitos de nossa sociedade, no universo da tatuagem, o rosa não é cor para homens,

Lidando com a dor

A forma como o tatuado lida com a dor causada pelo processo da tatuagem pode ser bem diferente segundo o gênero. Como aponta Le Breton (1995), os meninos são criados, tanto na família quanto na escola, para se fecharem à dor, negando-a ou não a demonstrando, enquanto as meninas são encorajadas a demonstrarem seus sentimentos. Para eles, é parte do aprendizado de “ser um verdadeiro homem”.

Embora eu tenha recolhido relatos de tatuados, em conversas informais, que me garantiam que o ato não é doloroso, outros afirmam que o processo envolve sua porção de sacrifício. Os que negam a dor afirmam que existe uma sensação de queimação ou ardido enquanto a agulha deposita os pigmentos abaixo da pele. Importa menos aqui medir o grau de resistência à dor de cada indivíduo do que os discursos relativos a ela: porque é negada e porque é reificada.

Entre povos que se tatuam ou se tatuaram, a dor parece ter servido como elemento que demonstra a coragem daquele que se submete ao processo. Esteja o tatuado em silêncio ou gritando (GILBERT, 2000), a sua atitude demonstra que ele é corajoso o suficiente para submeter-se a um processo doloroso. A dor não é negada, nestes casos, mas sim parte do ritual. Há que se esclarecer, contudo, que a técnica contemporânea tem sido recorrentemente descrita como menos dolorosa do que a tradicional (GILBERT, 2000; SCHIFFMACHER, 2001). A tatuagem tradicional, ou artesanal, é realizada com instrumentos contendo poucas agulhas. A partir da invenção da máquina de tatuar elétrica no final do século XIX, o processo se tornou mais rápido e por isso menos doloroso. As agulhas são soldadas juntas e acopladas à máquina. Desta forma, uma extensão de pele pode ser coberta de pigmento de forma mais rápida, pela velocidade da máquina e pela quantidade de agulhas utilizadas.

A *mão* do tatuador pode oferecer sensações distintas de dor. Vulgarmente descrita como *mão leve* ou *mão pesada*, a técnica do tatuador pode fazer o tatuado sentir maior ou menor dor. A diferença está na pressão exercida sobre a máquina e a profundidade em que as agulhas perfuram a pele. Quanto mais profundo, mais doloroso. A técnica tradicional japonesa envolvia, segundo Gilbert (2000), três posições de mão. A posição considerada melhor era aquela que provocava a menor dor, mas apenas os tatuadores mais experientes conseguiam mantê-la. Entre os entrevistados por Leitão (2002), há mesmo

os que dizem que querem uma tatuagem, mas não querem sentir dor. De fato, a tatuagem como é praticada contemporaneamente, pode ser dissociada, na visão de alguns tatuados, da dor. Uma não tem de ser, necessariamente, sinônimo da outra.

Buscada ou não, a dor é um elemento de inúmeras práticas corporais atuais. Parece-me que ela é negada em certas situações e supervalorizada em outras. O esforço físico da musculação pode resultar em uma dor que se prolonga por horas. A dor da tatuagem é sentida apenas no momento da aplicação. A dor do *piercing* pode manter-se por alguns dias. Em qualquer caso, a dor é uma experiência pessoal subjetiva, mas seus significados sociais podem ser analisados. A afirmação de que uma atividade é dolorosa é uma forma de desestímulo. A negação da dor ou a sua minimização como parte de um processo não muito longo pode não ser um estímulo, mas funciona como tal para aqueles interessados em práticas corporais vistas como dolorosas.

Entre os interessados em tatuagens, a dor é sempre um ponto de preocupação, surgindo ao longo das conversas que presenciei nos estúdios. Durante o trabalho de campo, ouvi a pergunta “dói?” diversas vezes. A resposta depende da região do corpo a ser tatuada. Os tatuadores que observei jamais negaram que a tatuagem causasse pelo menos algum desconforto. Respostas como “é suportável”, “não muito” ou “aí dói” são as mais comuns. Não se diz simplesmente “sim” ou “não”, mas prepara-se o cliente, seja na forma de um incentivo ao minimizar a possibilidade de dor, seja na forma de um alerta quanto à região escolhida. Algumas regiões do corpo são consideradas (mais) dolorosas, como pescoço, coluna, pés, cotovelos, canelas, peito e costelas. Como regra geral, pode-se dizer que as regiões “ossudas” ou “sem carne” são as mais dolorosas.

Como exemplo das sensações outras que a dor propriamente dita, há o caso de uma cliente do estúdio pesquisado na Zona Norte carioca, moça de 18 anos prestes a fazer sua primeira tatuagem, que perguntou ao tatuador já na sala de tatuar, antes de iniciar a tatuagem, se era um processo doloroso. Ele respondeu que não e que faria a tatuagem “bem leve” para que ela não sentisse nada. Quando começou o contorno, feito com pigmento preto, perguntou a ela se “estava tudo bem”, como é costume fazer. Ela informou que sim. O namorado, que a acompanhava, perguntou se ela sentia dor. “É mais um choquinho... não é dor”, respondeu. Quando o tatuador trocou as agulhas para colorir o desenho, ela perguntou se colorir doía mais. “É a mesma coisa”, ele respondeu. No colorido, ela sentiu dor. Não pediu para pausar o processo nem reclamou, mas mordida o dedo e curvava o corpo para frente. Perguntei-lhe se doía e ela disse que sim.

Um senhor aposentado fazendo sua primeira tatuagem no estúdio da Zona Sul percebeu o desconforto causado tanto em termos de dor quanto em termos de queimação, ou ardido. Tatuando-se sob influência do filho, cliente do estúdio, sentia dor, mas também uma sensação de queimação. Perguntou ao

tatuador se as agulhas esquentavam na máquina, se havia algum grau de calor envolvido e lhe foi dito que não, que a ardência era causada pelo próprio movimento da agulha na máquina.

Uma outra cliente, também de 18 anos, fora até o estúdio da Zona Norte para sua primeira tatuagem, acompanhada de uma amiga que já possuía algumas. Escolheu um desenho para as costas. Estava preocupada com a dor que sentiria, mas a amiga lhe incentivava, dizendo que o procedimento doía, mas que se ela queria a marca teria de passar por isto e que valia a pena. A moça fez caretas e reclamou da dor que sentia, mas seguiu em frente com a tatuagem.

No quadro abaixo, apresento as reações e possíveis conseqüências destas quando o tatuado vivencia e/ou representa o processo da tatuagem como doloroso ou não-doloroso. Os processos de não-dor não significam, de forma alguma, insensibilidade ante as agulhas, mas sensações que são descritas com outras palavras, como ardência, queimação, cosquinha e choque, e não com “dor”. Todas são consideradas sensações desagradáveis. Todavia, as quatro últimas estariam em uma hierarquia inferior de desgosto, ou seja, seriam consideradas como sensações não tão ruins quanto a dor. Trata-se, portanto, de uma forma de minimizar a sensação desagradável vivida no ato de ser tatuado.

QUADRO 3 – Tatuagem como processo doloroso ou não-doloroso

Quando os tatuados dizem “não dói”, o que querem dizer, de fato, é que não se trata de dor, mas de outras sensações, como as enumeradas no quadro. Neste sentido, retomo o relato de um cliente do estúdio pesquisado na Zona Norte, discurso colhido enquanto tinha a parte interna do braço tatuada:

Pesquisadora – Aí dói?

Cliente - Não, aqui não dói muito não. É a posição que me incomoda.

P – Aí não dói não?

C - Não é que não dói, toda tatuagem dói, mas é suportável.

No relato acima, a dor existe, mas ela é minimizada e tratada como suportável. Quando se utilizam termos como ardência, choquinho, cosquinha e queimação o que se está fazendo, de fato, é minimizar a parcela de sacrifício envolvida e representar o processo como o de um incômodo físico suportável.

Le Breton (1995), em livro sobre a dor, distingue a “dor aguda” da “dor crônica”. Esta, incessante, resistindo às medicações e tratamentos, é aquela que perturba o sujeito a ponto de lhe roubar a própria identidade, jogando-o em um rodado existencial que envolve estados de

depressão e sofrimento. Não é o caso da dor como observada na tatuagem. Para alguns tatuados, ela nem mesmo poderia ser considerada dor. Decorre disto que a postura esperada no estúdio, seja de homens ou de mulheres, é o silêncio. Dá-se às mulheres, contudo, o privilégio de uma demonstração pública da sensação de dor, enquanto é negada aos homens. É possível observar que este silêncio é, muitas vezes, acompanhado de posturas corporais rígidas, indicando algum grau de tensão em função do desconforto. Entre a dor e a não-dor teríamos, portanto, o silêncio.

Em alguns casos, os clientes parecem não sentir absolutamente nada. Em uma tarde de observação, uma tatuadora recebeu um cliente para completar um desenho no peito. Colocou o fundo azul num tubarão em preto e cinza e um pouco de sangue na boca do animal. Ela e o cliente também conversaram sobre dor. O rapaz mostrou um lugar do corpo que pretendia tatuar ainda e ela respondeu: “aí dói, mas onde você fez dói também”. “É, parece que eu só escolho mal”, ele respondeu. Mas de todos os clientes, naquele momento, era o único que não demonstrava nada.

Este caso indica que não há necessariamente um cálculo da parte do tatuado sobre a dor, o que poderia levar alguns a não optarem pelas regiões reconhecidas como mais dolorosas. Em alguns casos, esse cálculo é possível, mas uma vez que a maioria dos clientes que observei escolhia o desenho e o local a ser tatuado *antes* de perguntar se o processo de tatuar ou a região a ser marcada eram dolorosas, penso que o principal cálculo, se pode ser chamado assim, é de fundo estético, escolhendo-se um local no corpo onde o desenho e o próprio corpo fiquem bonitos.

Não é raro o tatuador informar ao cliente que o local escolhido é doloroso e, ao início do processo, o cliente avisar que não está sentindo dor. Observei, em outra ocasião, uma moça que queria tatuar um gato abaixo do rim esquerdo. A primeira coisa que perguntou foi se o local era doloroso. “Aí dói um pouquinho”, a tatuadora respondeu. Começou a tatuar e perguntou se doía muito. “Nada... é como uma cosquinha”, disse. E, de fato, não parecia sentir dor: sorria e até cantava.

Interessante notar que não era sua primeira tatuagem, mas a terceira, e a idéia de dor ainda a afligia de certo modo, caso contrário não teria perguntado a esse respeito. O que pesa neste caso parece ser a localização e não o processo em si. Pode-se supor que, após a primeira tatuagem, a dor é desmistificada como um todo, restando a idéia de dor relacionada às áreas específicas do corpo. Neste caso, seria de se supor que os indivíduos calculassem, sob um processo reflexivo, as áreas a serem tatuadas. Tal não parece acontecer, ao observarem-se os exemplos anteriores. A tatuagem é escolhida para determinadas regiões do corpo por processos outros que não a fuga da dor. Em alguns casos, contudo, o cálculo é realizado. No estúdio pesquisado na Zona Sul, em conversa com uma funcionária do estabelecimento, ela me disse que gostaria de tatuar uma orquídea na costela, mas desistira por medo do local doloroso. Pensava, então, como alternativa, em tatuar a flor na virilha. Um cliente deste

estúdio, reclamando da dor que sentia ao colorir um dragão tatuado no braço, local que não é considerado doloroso, disse-me que entre uma tatuagem e outra não há lembrança da dor sentida. Queria dizer com isso que a dor não é intensa o suficiente para uma memória sobre a experiência desagradável. Pelo contrário, a dor só é vivida no momento da tatuagem e depois é apagada da lembrança.

Nos estúdios de tatuagem, a dor pode fazer um elo momentâneo entre os tatuados. Sentir dor e expressá-la é uma maneira de conseguir apoio moral e verbal, mas apenas entre mulheres. Uma cliente, em conversa informal comigo, disse ter sentido muita dor em sua segunda tatuagem (tatuava o terceiro desenho), localizada no pé. Recordava-se de que, na época, um outro cliente a incentivava. Ele fazia um desenho grande em outra região do corpo, enquanto ela escolhera um desenho pequeno, e supunha-se que a comparação na extensão e no tempo da tatuagem fizesse com que ela se sentisse mais confortável. Mesmo assim, disse-me que sentiu muita dor. Observei uma outra cliente sendo tatuada no pé e toda a expressão corporal da moça demonstrava o quanto a tatuagem era dolorosa. Ela apertava a mão do namorado com tamanha força que ele reclamou. Contorcia o rosto em inúmeras caretas, mas não pediu nenhuma pausa ao tatuador, tampouco reclamou.

As pessoas que sentem dor e a expressam normalmente pedem mais pausas ao tatuador do que ele gostaria de lhes dar, pois isto alonga o tempo do processo. Estas pessoas, em sua maioria mulheres, também costumam dizer o quanto a tatuagem está sendo dolorosa. Eventualmente, alguns homens expressam sentir dor, mas jamais com a mesma intensidade que as mulheres, que fazem caretas, torcem o corpo e pedem pausas. Em uma tarde no estúdio da Zona Norte, observei um rapaz de menos de 30 anos que chegava para colorir uma tatuagem na parte da frente da canela, região considerada dolorosa. Ele havia tatuado um elefante em preto, com sombras em cinza, e voltara para que o tatuador colorisse o animal com um tom de rosa e colorisse a água do lago em que ele estava de pé. Em determinado momento, o rapaz exclamou que “isso não doía assim”. O tatuador fez uma pausa por conta própria, para fumar um cigarro, embora o rapaz quisesse continuar.

A pomada anestésica

A dor pode ser burlada por uma pomada anestésica, raramente indicada pelos tatuadores no estúdio da Zona Norte, mas freqüentemente utilizada no estúdio da Zona Sul. Clientes aparentemente apavorados quanto à possibilidade de dor, mas ainda assim interessados o suficiente, adotam a pomada como um subterfúgio. Testemunhei um caso destes quando surgiu no estúdio da Zona Norte uma moça que queria tatuar uma estrela de cinco pontas abaixo do pescoço. Estava bem nervosa e o tatuador

parecia irritado com seu nervosismo.¹¹ Disse-me que sempre quis uma tatuagem, mas não tinha coragem. Depois que a irmã mais nova fez a sua segunda tatuagem naquele mesmo estúdio, na semana anterior, ela se decidiu. Ao iniciar o processo, a moça se acalmou, comentando que não estava sentindo dor alguma.

Em apenas uma ocasião neste estúdio vi um tatuador prescrever a pomada anestésica, pois normalmente é o cliente que pergunta sobre ela. O cliente queria tatuar a região da costela, considerada dolorosa, com um dragão de cerca de um palmo. Este é um desenho demorado, porque cheio de detalhes. Quando o cliente retornou à loja para ser tatuado, não havia aplicado a pomada. Em casos como este, creio que há uma espécie de rito de passagem em ação, no qual a dor é condição. Não há porque não utilizar a pomada anestésica quando o próprio tatuador recomenda seu uso (baseado, provavelmente, na idéia de que se a dor for por demais intensa, o trabalho terá de ser pausado e reiniciado em uma nova sessão). A pomada é uma medicação barata, com várias marcas à venda nas farmácias e drogarias, cujo preço não alcança os R\$15. Levando-se em consideração que os tatuadores só prescrevem a pomada em casos específicos, se o conselho não é seguido, então a dor é elemento crucial, constituindo-se o processo em algo muito maior do que simplesmente um desenho encravado na pele.

A pomada é receitada porque o conforto do cliente é fundamental, pois implica a continuidade do trabalho. A dor é um impedimento à execução rápida, pois faz com que os tatuados queiram pausas. Certa tarde chegou ao estúdio da Zona Norte uma moça que queria cobrir um desenho antigo de flores nas costas, feito há 10 anos. Optou por um beija-flor. Ela se olhava muitas vezes no espelho, acompanhando o processo. Sentia muita dor. No início, enquanto o profissional fazia o contorno do desenho em negro, reclamou e pediu para parar. Chamou o tatuador para fumar fora do estúdio e ele foi. Fizeram isso duas vezes. “Eu sou chata... eu sinto muita dor”, falou para ele. Fazia muitas caretas e pediu mais duas pausas, mesmo quando o trabalho estava praticamente pronto, num total de quatro pausas para um desenho considerado de tamanho pequeno a médio. Em se tratando de uma mulher, não houve comentários sobre covardia. Pareceu-me que o tatuador se incomodava em não concluir o trabalho logo, mas não fez comentários, nem mesmo depois que ela saiu.

Mesmo os tatuadores sentem dor no processo, pois não existe uma técnica para suportá-la melhor. Tive a oportunidade de observar um dos tatuadores da Zona Norte sendo tatuado por um de seus colegas. Cobria desenhos antigos no antebraço esquerdo com uma tatuagem oriental. Estes desenhos costumam ser ricos em detalhes, dificultando sua execução e tomando um tempo maior.

11 LEITÃO (2003) descreve a mesma reação em um tatuador de Porto Alegre, que se referiu à sensibilidade de uma cliente como “frescura” e se referia à sensibilidade à dor da tatuagem, de um modo geral, como “coisa de mulherzinha”.

Perguntei-lhe por que cobria os antigos. Ele disse que estavam velhos, desbotados e feios. Perguntou-me se eu iria tatuar. Neguei, explicando que estava lá para uma pesquisa. “Você escreveu aí que essa porra dói pra caralho?”,¹² perguntou. “Quando chega no osso, dói pra caralho”. Ao longo da tarde, enquanto o desenho era colorido em vermelho, ele falou sobre isso várias vezes. Outro tatuador perguntou se não estava inchando o braço. “Está inchado já... daqui a pouco vou ter que parar”, respondeu. “Mas foda mesmo foi aqui” e mostrou o cotovelo colorido de preto.

Pode-se questionar por que o tatuador não fez uso da pomada anestésica. Parece que tal recurso não funciona bem em áreas ossudas. Uma cliente deste mesmo estúdio, que estava colorindo um dragão que ia de seu pé até a metade de sua canela, reclamava que passara a pomada, mas que não estava sentindo nenhum alívio. Fazia muitas caretas e falava sobre a dor que sentia. Quando as agulhas atingiram a pele que cobre o osso do tornozelo, ela parou de falar, alegando que sentia tamanha dor que não conseguia falar.

O proprietário do estúdio pesquisado na Zona Sul, contudo, não apenas já fez uso da pomada como acha que ela serve justamente para as regiões mais dolorosas. “Já usei sim... vou sentir dor à toa? Eu não! Mas é mais para região dolorosa mesmo, tipo coluna e canela. Braço assim por fora não tem necessidade. Não é que não dói... cara, tatuagem dói, entende? Não tem o que fazer. Mas têm regiões em que é tranqüilo, você vai.” Segundo ele, a pomada é utilizada há menos de 10 anos. Ela não retira totalmente a sensação dolorosa das áreas mais sensíveis, mas alivia.

Quem faz uso da pomada tenta estabelecer uma dissociação entre o procedimento de tatuar e a dor. Utilizando a pomada, a dor some ou é minimizada. Mas o que o tatuador indica é que essa dissociação não é possível, pois o procedimento é doloroso. A questão posta, então, é não sentir dor “à toa”, ou seja, sem necessidade, dissociando a tatuagem e a dor decorrente de sua aplicação de um eventual significado para a dor. Não obstante, tenho indicado que se a dor não tem significado em si, ela ganha sentido na postura adotada para se lidar com ela. Em outras palavras, não se busca a tatuagem para sentir dor, mas lidar com a dor é peça fundamental no processo, especialmente para os homens. Ao lidar com a dor, a masculinidade se torna alvo de observação e teste.

A pomada anestésica faz parte da gama de novos medicamentos criados para o combate à dor. Conforme aponta Le Breton (1995), uma das principais preocupações médicas é a diminuição da dor dos enfermos. A utilização de anestésicos cresceu, também, em função da diminuição na tolerância individual à dor. Observa-se a dor hoje, segundo o autor, como algo sem sentido, uma espécie de

12 Um cliente do estúdio da Zona Sul pesquisado, um senhor aposentado fazendo sua primeira tatuagem, localizada no braço, teve a mesma reação que o tatuador ao saber que eu estava no estúdio realizando uma pesquisa. Disse: “escreve que isso dói, viu?”.

tortura. O mesmo ocorre nos estúdios de tatuagem. Contudo, é necessário observar que a resistência à dor apresenta um elemento de classe (LE BRETON, 1995). Entre as camadas mais baixas da população, ela é mais bem tolerada do que entre as camadas altas. O uso extensivo da pomada no estúdio da Zona Sul, ainda que muitos dos clientes desconhecessem totalmente o medicamento, ao contrário de seu uso pouco existente no estúdio da Zona Norte, indica um componente de classe operando no universo dos estúdios de tatuagem.

Coragem

“Coragem” é um termo costumeiramente utilizado por clientes que fazem a primeira tatuagem. Dizem que não tinham tido coragem antes ou não querem esperar para serem tatuados quando o estúdio está movimentado para não perderem a coragem. Em certa ocasião, observei uma cliente na Zona Norte ansiosa em vencer o medo. Ela e a amiga queriam tatuagens e escolhiam entre os desenhos menores. A amiga queria um sol tribal, segundo suas palavras, com a primeira letra de seu nome no meio do círculo, para ser tatuado nas costas. O profissional que as atendia perguntou se esperaria uma outra cliente ser tatuada, pois ela havia se decidido antes. “Ah não... se não for hoje, eu perco a coragem”, respondeu.

Em outra ocasião, uma cliente de cerca de 45 anos, tatuava no pé uma homenagem à filha, moça de 17 anos que a acompanhava no estúdio: “amor eterno, Andrezza...”. Era sua primeira tatuagem. Ao comentar que sempre desejara ter uma, perguntei-lhe por que demorou tanto tempo para satisfazer seu desejo. “Me faltou coragem”, respondeu. “Se não doesse”, falou aos presentes, “faria uma outra”, mas sentia muita dor, o que a desencorajava. Ainda assim, disse que talvez fizesse outra no ano seguinte.

É interessante que os relatos sobre ter ou não ter coragem provêm de mulheres. Está implícito aqui uma variável de gênero que seria constitutiva da própria masculinidade: a coragem é um atributo masculino. Ela pode faltar às mulheres, mas jamais aos homens. Mesmo quando o tatuador alerta que a região do corpo é dolorosa, como observei nos estúdios, jamais um homem fala sobre sua falta de coragem. Ao contrário, diante de uma dor intensa, costumam bradar “tem que ser muito macho!”, como observei em duas sessões de um mesmo cliente que tinha tatuado o peito no estúdio da Zona Sul. Conforme será visto a seguir, reclamações masculinas sobre a dor do procedimento, quando consideradas pelo tatuador como excessivas, são sinônimo de covardia, de fraqueza, de falta de virilidade.

Dor e masculinidade

Se a dor for muito intensa, é comum que se opte por várias sessões. Contudo, o cliente pode deixar a tatuagem inacabada ou demorar anos para terminá-la. Conheci um cliente na Zona Norte que queria finalizar um desenho feito naquele mesmo estúdio há anos atrás: uma onça mordendo o cabo de uma guitarra. O tatuador comentou que o desenho estava ruim, com os traços de contorno se tornando mais grossos por não ter sido finalizado e que teria de refazer certas partes. Achou melhor não colorir o desenho e o cliente também.

Ele não havia terminado a tatuagem em função da dor. Disse-me que na época estava em jejum e a dor fez com que sua pressão arterial baixasse. Disse, ainda, que por ser gordinho sentia mais dor e que quando a agulha picava a gordura doía muito. Dessa vez, comentou, havia passado a pomada anestésica. O desenho localizava-se no bíceps direito, local que não é considerado doloroso. Este cliente, um homem moreno, gordo, alto, cerca de 40 anos, é músico profissional. Em sua banda, contou, todos são tatuados e ele, dizendo-se vaidoso, resolveu fazer a sua. Como não terminou, foi motivo de piada.

A chacota quanto à dor é comum entre os clientes homens. Vale ainda a máxima de que “homem não chora”, traduzida no mundo da tatuagem para a idéia de que os homens não devem reclamar da dor. Comentários masculinos sobre a dor são comuns, mas reclamações em excesso geram uma impaciência nos tatuadores. Pude presenciar a diferença de posturas e a reação dos tatuadores às diferentes condutas numa mesma tarde de observação no estúdio da Zona Norte. Um dos tatuadores atendeu um rapaz que tinha um painel nas costas, que começara há dois anos: uma mulher lutando contra um dragão, imagem retirada da capa de um livro. Havia passado a pomada anestésica e falou que não suportava a dor. Havia tatuado um Demônio da Tasmânia, personagem de desenho animado, na parte interna do braço esquerdo há 10 anos e não sentira dor. O diálogo entre cliente e tatuador tomou a seguinte forma:

Tatuador - Você é um frouxo! O cara mais frouxo que eu já vi!

Cliente - Você que é um carniceiro! Eu não quero sentir dor. Sou capaz de desmaiar aqui. Minhas mãos estão molhadas. Eu estou suando frio!

T - Se você desmaiar, aí eu termino [a tatuagem]!

Normalmente os tatuadores são cuidadosos quanto à dor e perguntam aos clientes se “está tudo bem” várias vezes, como vi outros tatuadores fazerem naquela mesma tarde. A intimidade foi o que permitiu a brincadeira. Embora realizada entre velhos conhecidos, ficou clara a expectativa que se tem quanto à dor: ela deve ser suportada pelos clientes em geral para que o tatuador possa exercer seu trabalho, mas pelos homens em especial, pois é uma demonstração de masculinidade.

No universo masculino, a brincadeira parece ser um paliativo para se dispor tensões de forma não-violenta. Quando se diz a um homem que ele é frouxo, o que se está apontando, de fato, é a sua precária masculinidade. Em outras palavras, diz-se que não é homem. O cliente, para defender-se de tal acusação, rebate a pilhéria chamando o tatuador de carniceiro, o que na profissão é ofensa.

Um segundo cliente interveio na conversa. Havia se tatuado mais cedo, retocando um desenho antigo e fazendo um novo. Ao ser tatuado, reclamava eventualmente da dor e mexia constantemente os pés, demonstrando o desconforto:

“Se me perguntarem se dói, eu falo ‘dói’. Não vou dizer outra coisa. Tem gente que diz que não... humpf. E eu reclamo, faço cara feia mesmo... não vai sair daqui! Não tem problema, ninguém vai ficar sabendo mesmo!”. (cliente do estúdio pesquisado na Zona Norte)

Enquanto isto, o rapaz que tatuava as costas se contorcia, alegando que a pomada havia perdido o efeito. De fato, parece que o efeito anestésico passa de duas a três horas após sua aplicação. Segurava-se na cadeira, mordía o encosto e pedia uma pausa a todo o momento.

Pode-se observar como a dor é encarada de formas diferentes. Cuida-se de que não seja insuportável, mas não se gosta de clientes sensíveis. Estes são “frouxos”. A idéia não é fazer sentir dor, mas ela existe e tem de ser tolerada para que o trabalho seja finalizado. Suportar a dor é “macheza”, mas, desde que ninguém saiba, não é fraqueza demonstrá-la. Contudo, observe-se o que o segundo cliente disse. Ele declarava sua dor para pessoas que não o viram ser tatuado, embora dissesse que o importante era que não soubessem de sua “fraqueza”, ou seja, que ele também não tolerava a dor. Mas ele mesmo contava a respeito, donde se pode concluir que seu discurso sobre a dor é do tipo que a afirma para demonstrar força.

O não-uso de pomadas anestésicas por parte dos homens, incorre, a meu ver, na idéia do *ethos* guerreiro, da mesma forma que silenciar sobre a dor é uma forma de demonstrar força e coragem, já sinônimos de virilidade. Para Le Breton (2002), a dor envolvida na tatuagem já foi parte, em determinados grupos (marinheiros, oficiais, criminosos), de uma forma de prova de virilidade. Embora o autor pense que esta característica da tatuagem não existe mais contemporaneamente, eu sugeriria

que a prova de virilidade não se extinguiu enquanto tal. O processo parece ser decodificado como uma prova não apenas entre os tatuados, mas também entre os tatuadores, que observam a intolerância à dor como uma forma de fraqueza, como se o tatuado não houvesse passado em sua prova de virilidade e, portanto, não merecesse respeito. Esta é uma prova levada a cabo dentro de um universo completamente masculino, onde só a outros homens cabe demonstrar que se é macho. O cerne da prova é o silêncio quanto à dor. Sacrifica-se a própria carne em uma espécie de rito de sangue que só vale como rito de masculinidade na medida em que o tatuado mantém suas emoções sob controle e consegue finalizar o processo, caso contrário ele será motivo de riso dentro e fora do estúdio.

Le Breton (2002) evoca, no lugar da prova de virilidade, um imaginário dos tatuados sobre a tatuagem como um universo de força interior e indiferença quanto ao julgamento exterior, relacionado à idéia de um certo preconceito contra os tatuados, um universo onde se prova *a si mesmo* coragem e resistência. Não creio que esta seja a realidade da tatuagem carioca. Não me parece que a escolha da marca seja oriunda de uma vontade de provar a si mesmo coragem, resistência ou força interior, mas eventualmente a outros. Nem todos os casos, contudo, comportam este tipo de prova. As idéias de força, coragem e resistência são, como mencionado, vinculadas a uma identidade masculina. Para as mulheres, maioria nos estúdios, não faz sentido essa prova a si mesma.

É fato, como observa o autor, que a dor acompanha muitos dos processos de embelezamento, sobretudo os femininos. Desta forma, a dor da tatuagem está, para elas, relacionada a uma gama de incômodos que permeiam vários outros processos de embelezamento, como a depilação, por exemplo. No caso dos homens, ao contrário, não é a beleza que está em jogo quando se lida com a dor. Para eles, a dor não é apenas parte do processo de tatuagem, mas parte do próprio processo de fabricação da virilidade.

Considerações finais

O universo da tatuagem, apresentado aqui por meio da pesquisa de campo empreendida em dois estúdios na cidade do Rio de Janeiro, mostrou-se recortado pelas diferenciações de gênero presentes em nossa sociedade. Nestas diferenciações, desenhos tatuados, locais do corpo escolhidos para alocar tais desenhos bem como a reação à dor do procedimento estão intimamente relacionados ao gênero.

Para as mulheres, os desenhos devem traduzir uma idéia de feminilidade associada à delicadeza e à fragilidade. Para os homens, estes desenhos devem traduzir força física, ligada a um *ethos* guerreiro em que os principais valores são a força e a capacidade de destruição. O local do corpo escolhido mais frequentemente pelos homens para a tatuagem, o braço, está igualmente relacionado a esta noção de

força física. Já nas mulheres, os locais escolhidos são discretos, comportando desenhos menores que os deles, como se a feminilidade se traduzisse, também., no diminuto, no escondido, no detalhe que só é revelado a um olhar atento.

A força física, valor que norteia o *ethos* guerreiro masculino, está presente na reação esperada da parte dos homens quando se submetem à tatuagem. A dor do procedimento deve ser encarada em silêncio, com o mínimo de manifestações verbais a seu respeito. Manifestações corporais como caretas, mãos apertadas, corpo contraído se tornam, neste âmbito, invisíveis. Não convém falar sobre a dor entre homens, a não ser como uma forma de reiterar a virilidade de quem passa pelo processo. Neste sentido, ser tatuado se torna uma espécie de prova de virilidade nos estúdios, onde o juiz-sacerdote do rito é o tatuador, sujeito capaz de julgar quem é macho e quem não é, quem demonstra força e coragem e quem não demonstra. Uma tatuagem inacabada se transforma, fora do estúdio, em prova do fracasso em enfrentar a dor. Para os homens, transforma seu portador em motivo de piada.

Para as mulheres, contudo, dada a concepção do feminino como frágil e delicado, é possível uma manifestação maior de desconforto físico. Entre elas, a fala é um recurso constante contra o incômodo, o que permite, inclusive, angariar a simpatia e o apoio alheios, como se se considerasse que, para as mulheres, suportar a dor fosse tarefa mais árdua. Não obstante, no estúdio pesquisado na Zona Sul, concepções sobre as mulheres como mais habituadas à dor, sobretudo à dor relacionada ao aparelho reprodutivo feminino, como as cólicas menstruais ou as contrações do parto, emergiram entre clientes. Ainda assim, o enfrentamento da dor foi visto lá como uma tarefa que traz prestígio ao homem.

Assim, o termo coragem só é utilizado entre mulheres que se vêem tendo de se encher da mesma, se lançando no ato quase heróico de enfrentar a dor pela marca desejada no corpo, embora outros procedimentos do repertório de embelezamento feminino sejam dolorosos. Os homens jamais precisam ganhar coragem, pois já a têm *a priori*. Precisam, no estúdio, de força e determinação, de macheza para enfrentar o procedimento.

Abstract: The universe of tattooing, observed from a field research at two studios in Rio de Janeiro, shows some gender differences. Men and women choose different patterns and body locations to be tattooed. Their reactions to the pain of the process is, as well, distinct. For women, it is permitted the expression of pain in a major scale than between men, whose silence in face of pain is a way to demonstrate strength and masculinity. The idea of strength is crucial to the conceptions of masculinity present in this universe, while femininity is related to notions of fragility.

Keywords: gender; pain; tattoos.

(Recebido e aprovado para publicação em agosto de 2005.)

Notas

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

COSTA, Zeila. *Do porão ao estúdio: trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem*. 2004. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. Os Tatuadores.

GILBERT, Steve. *Tattoo history: a source book*. New York: Juno Books, 2000.

LE BRETON, David. *Anthropologie de la douleur*. Paris: Métailié, 1995.

_____. *Signes d'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié, 2002.

LEITÃO, Débora Krischke. *O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. 2002. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MARQUES, Toni. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MIFFLIN, Margot. *Bodies of subversion: a secret history of women and tattoo*. New York: Juno Books, 1997.

SCHIFFMACHER, Henk (Ed.). *Tattoos*. Icons series. Koln: Taschen, 2001.

STEWARD, Samuel M. *Bad boys and tough tattoos: a social history of the tattoo with gangs, sailors, and street-corner punks, 1950-1965*. New York: Harrington Park Press, 1990.